

UM MERGULHO NAS ÁGUAS DA BAHIA E SERGIPE: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DAS DESIGNAÇÕES PARA ONDA

DIVING INTO THE WATERS OF BAHIA AND SERGIPE: LEXICAL SEMANTIC STUDY OF NAMES FOR WAVE

Ingrid Gonçalves de Oliveira¹

Orientadora: Profa. Dra. Suzana Alice Marcelino Cardoso

RESUMO: O presente estudo visa a comparar, por meio de estudo léxico-semântico, as diferentes designações documentadas para *onda* em dois atlas linguísticos regionais publicados – *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963) e *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (1987) – através da análise das cartas 16, 17 do APFB e sua equivalente, carta 17, no ALS. Considerando que os atlas linguísticos são grandes fontes de informação lexical e que a intercomparação entre seus dados contribui significativamente para os estudos dialetais, como ferramentas de descrição do português falado em território brasileiro, esta investigação tem como objetivo contribuir para o entendimento da realidade linguística das regiões em questão, apresentando os pontos de divergências e convergências registrados no repertório lexical da Bahia e de Sergipe. A comparação entre as cartas linguísticas destes atlas permitiu identificar em que pontos se aproximam e se distanciam o léxico dessas regiões, revelando importantes marcas de regionalismos expressas na fala e evidenciando as peculiaridades do acervo linguístico das duas regiões.

Palavras-chave: Geolinguística. Semântica. Variação lexical. Atlas linguísticos.

ABSTRACT: This study aims to compare, through lexical-semantic study, the different designations documented to *wave* at two regional linguistic atlas published – *Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB (1963) and *Atlas Linguístico de Sergipe* - ALS (1987) - by analyzing the cards 16, 17 and APFB equivalent, chart 17 in ALS. Whereas the linguistic atlas are great sources of lexical information and the inter comparison its data contributes significantly to the dialectal studies. As a tool of description of the Portuguese language spoken in Brazil, this research aims to contribute to understand of the linguistic reality of the regions in focus, presenting the convergent and divergent points recorded in the lexical repertoire of Bahia and Sergipe. The comparison between the linguistic letters of these atlas allowed to identify the mentioned points of convergence and divergence. It reveals important marks of regionalisms marks expressed in speech. It also shows peculiarities of linguistic assets of both zones.

Keywords: Geolinguistic. Semantics. Lexical variation. Linguistic atlas.

1 PARA ONDE NOS LEVAM AS CORRENTEZAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua, entendida como uma estrutura viva e dinâmica, passa por constantes transformações e reestruturações no decorrer da sua história, acompanhando as mudanças sociais e interagindo com comunidades linguísticas muitas vezes em contextos socioculturais

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da (UFBA). E-mail: ingridgolv@gmail.com.

distintos. Enquanto patrimônio linguístico e cultural dos seus falantes, precisa atender às demandas decorrentes do processo comunicativo dos variados grupos humanos, haja vista que “as transformações em uma língua não são outra coisa que não uma reestruturação, fruto da necessidade de manter distintos os saberes que se devem conservar e de distinguir os novos, que vão se consolidando como patrimônio linguístico e cognitivo de uma comunidade” (DIAS, 2010, p. 69). Em razão disso, as transformações advindas desse processo de interação são notadamente evidenciadas no plano linguístico, mais precisamente no nível lexical.

Muitas pesquisas têm sido realizadas no campo do léxico regional, o que é de extrema importância para preservação do nosso patrimônio imaterial, cultural e linguístico. Tal situação já era exposta por Serafim da Silva Neto (1988) quando afirma que

[...] o que importa é salvar-se o que daqui a pouco já não poderá salvar-se. As tradições regionais são testemunhos da história de um país, que devem respeitar-se como qualquer documento histórico de valor. Daí a necessidade e, mais que isso, a urgência da recolha dos traços culturais que são, a bem dizer, o retrato de um povo, a sua personalidade coletiva (SILVA NETO, 1988, p. 176-7).

Portanto, um olhar atento para o repertório vocabular de um determinado grupo de falantes pode revelar importantes marcas de regionalismos expressas na fala, evidenciando traços linguísticos específicos da região, assim como características importantes do seu modo de vida. Tais especificidades são abordadas minuciosamente nos atlas linguísticos regionais, que surgem motivados pela “necessidade de aprofundar o conhecimento de uma dada região, (...) [e] se destinam ao exame de áreas menores, buscando detalhar o conhecimento de regiões específicas” (CARDOSO, 2010, p. 68).

Nessa perspectiva a Geolinguística Pluridimensional, por se tratar de um método da Dialetoлогия que objetiva estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e diastráticas, através da identificação, descrição e contextualização dos diferentes usos linguísticos mediante sua distribuição espacial e social, pode, em muito, contribuir para uma melhor compreensão e sistematização da variedade linguística do Português falado no Brasil. Posto que,

[...] a ênfase que assumem os fatores sociais na consideração dos fatos linguísticos é, na verdade, uma resposta a exigências da nova configuração de que se reveste o mundo atual. E a geolinguística, ao adotar outros parâmetros que não o diatópico, está, apenas, respondendo aos apelos da realidade atual (CARDOSO, 2010, p. 63-64).

Os atlas linguísticos constituem uma importante ferramenta para os estudos dialetais, pois fornecem uma imagem multidimensional dos processos de variação, possibilitando-nos visualizar cartograficamente os dados, assim como as diferentes zonas dialetais em que se inserem. Acresce-se ainda que os atlas linguísticos são grandes fontes de informação lexical e a intercomparação entre seus dados contribui significativamente para os estudos dialetais, permitindo uma compreensão mais ampla dos diferentes usos do português falado no território brasileiro.

Nessa linha se insere o presente estudo, que visa comparar as diferentes designações documentadas para *onda* em dois dos atlas regionais publicados – *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963) e *Atlas Linguístico de Sergipe* – ALS (1987) – através da análise das cartas 16, 17 do APFB e sua equivalente, carta 17, no ALS.

2 UM POUCO DE CADA ATLAS

O APFB foi o primeiro atlas linguístico brasileiro, publicado em 1963, pelo professor Nelson Rossi com a colaboração de Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. Sua rede de pontos abrange todo o Estado da Bahia, abarcando um total de 50 localidades distribuídas em zonas geográficas e culturais selecionadas de acordo com a proposta elaborada por Antenor Nascentes (1958) nas *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*. Dos 50 pontos selecionados, 30 deles coincidem com os propostos por Nascentes. O APFB contém 209 cartas, sendo 198 cartas linguísticas com informações de natureza fonética e lexical, das quais 44 são resumo das cartas fonéticas e 11 cartas introdutórias. A seleção do Extrato de Questionário, com 179 perguntas (desdobradas em A, B e C), foi elaborado a partir de análises preliminares em quatro localidades do Estado da Bahia. Quanto aos informantes, são de ambos os sexos e totalizam-se em número de 100 distribuídos em diferentes faixas etárias.

Logo após a publicação do APFB, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS) já se encontrava com os originais prontos para impressão, porém, devido a dificuldades de financiamento, só veio a ser publicado 10 anos após o APFB, em 1987. O ALS tem como autores um grupo de pesquisadores da Bahia – Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Nelson Rossi. O ALS configura-se como uma segunda etapa do trabalho e apresenta alguns avanços e aperfeiçoamentos metodológicos. Os critérios para a seleção da rede de pontos que compõe o ALS foram os

mesmos, a numeração de 51 a 65 continua a do APFB e, dentre as 15 localidades selecionadas, 08 constam na proposta de Nascentes (1958).

Outro ponto que comprova a aproximação desses atlas é o critério metodológico utilizado para a elaboração do questionário linguístico, que inclui as mesmas perguntas do Extrato de Questionário do APFB, acrescido de outras oriundas de inquéritos preliminares realizados em Sergipe, totalizando seiscentas e setenta e quatro perguntas. Nesse aspecto, há um aperfeiçoamento metodológico que pode ser notado em relação ao APFB – registra-se por escrito, no questionário, como deve ser feita a formulação para cada pergunta com o intuito de obter uma melhor uniformização na recolha dos dados.

O ALS contou com a colaboração de trinta informantes de ambos os sexos, com idades entre 21 e 65 anos e identificados, nas cartas linguísticas, como A - informante do sexo feminino e B - sexo masculino. Os dados analisados resultaram em 182 cartas, sendo 11 introdutórias e 12 cartas duplas – Bahia-Sergipe.

Discutindo ainda os pontos de confluência entre os referidos atlas, salientam-se também os dados de natureza extralinguística apresentados por Ferreira, Mota e Rollemberg (1994, p. 111). As autoras exibem as coincidências que apresentam as duas áreas, tais como “a história política dos Estados de Bahia e Sergipe, a formação populacional, a semelhança de colonização, a vizinhança geográfica e, numa perspectiva sincrônica, a atividade de pequena lavoura predominante na área rural” e prosseguem tecendo reflexões acerca da realidade linguística dos dois estados. Após desenvolverem um estudo comparativo entre as cartas do APFB e ALS, afirmam que é possível traçar um grande número de isoglossas de menor amplitude abrangendo a área Sergipe-Bahia, o que confirma parcialmente a hipótese de Nascentes (1953) ao considerar como único o falar das duas regiões. Contudo, as autoras, de posse das evidências que as cartas estudadas revelaram, afirmam haver também isoglossas, de menor amplitude, que demonstram a presença de diversidade dentro da área.

Com base em tais conclusões, este estudo busca estabelecer o confronto da distribuição geográfica das designações para *onda* nos Estados da Bahia e Sergipe, através da análise das lexias documentadas nas cartas 16 (*onda de rio*) e 17 (*ondas baixas, seguidas e espumosas*) do APFB e sua correspondente no ALS - carta 17 (*onda*). Ao último caso, vale uma ressalva, os autores esclarecem que as perguntas foram orientadas, inicialmente, no sentido de apurar a ocorrência de nomenclaturas distintas para: 1. *onda de mar* (perg. 29); 2. *onda de rio* (perg. 34); 3. *conjunto de ondas baixas e seguidas no mar* (perg. 29) e 4. *conjunto de ondas baixas e*

seguidas no rio (perg. 35). Tais hipóteses foram sugeridas a partir dos inquéritos preliminares realizados na localidade, porém, após a análise dos dados recolhidos, constatou-se que as mesmas não se confirmaram. A partir da observação das notas explicativas percebe-se que alguns informantes não forneceram tais distinções, para os autores tal resultado parece natural ante a proporção entre os semas convergentes para todos os casos e divergentes para cada um (ALS, carta 17, verso). Afirmam, também, que a ampla sinonímia levantada pode parecer estranha a um leitor menos familiarizado com a realidade linguística de Sergipe, porém apresenta-se familiar para os inquiridores e explica-se pela situação geográfica de cada área.

3 MERGULHANDO MAIS FUNDO: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Antes de proceder ao exame propriamente dito das lexias que expressam as variações para *onda*, faz-se necessário tecer algumas considerações acerca do território onde foram coletados os dados. Cardoso (2010, p. 15), ao discorrer sobre a importância do espaço geográfico para as pesquisas dialetais, afirma que o interesse nesse tipo de informação vai além do registro de dados intercomparáveis, mas que a verificação de sua ausência contribui de maneira significativa. Em muitos casos, tal informação apresenta-se carregada de sentido e relevância para a interpretação dos dados linguísticos, pois “o vazio geográfico é denunciador de informações as mais diversas e pertinente para o confronto linguístico, do mesmo modo que o registro de usos”.

Nesse momento, a autora lança um questionamento que nos conduz a uma pausa para reflexão, visto que não poderíamos seguir adiante na análise sem, ao menos, tentar respondê-lo. Desse modo, dentre os exemplos de “vazio geográfico” significativos levantados por Cardoso (2010), nos ateremos aqui à carta 17 do APFB (*Ondas baixas, seguidas e espumosas*) por corresponder a um dos nossos objetos de estudo.

Dentre as 50 localidades abarcadas pelo referido atlas, as formas *carneiro* (*d'água*), *carneiro da espuma* e *espuma de sapo* foram documentadas apenas na região que abrange o Recôncavo Baiano², não ocorrendo nas demais localidades, como pode ser verificado no

² O Recôncavo Baiano é a região geográfica situada ao redor da Baía de Todos os Santos e abrange todo o litoral e regiões do interior circundante à Baía. Inclui a região metropolitana de Salvador, onde está localizada a capital do Estado da Bahia, Salvador, e outras cidades de grande representatividade histórica e econômica, dentre as quais estão Candeias, São Francisco do Conde, Madre de Deus, Santo Amaro, Cachoeira, São Feliz e Maragojipe.

MAPA 01 (cf. FIGURA 01). A partir desse dado, podemos inferir que devido ao posicionamento geográfico próximo ao oceano das localidades situadas em torno do Recôncavo Baiano, o contato com o referente possibilita a realização dessas lexias, o que não ocorre nos pontos sem relação com a zona marítima.

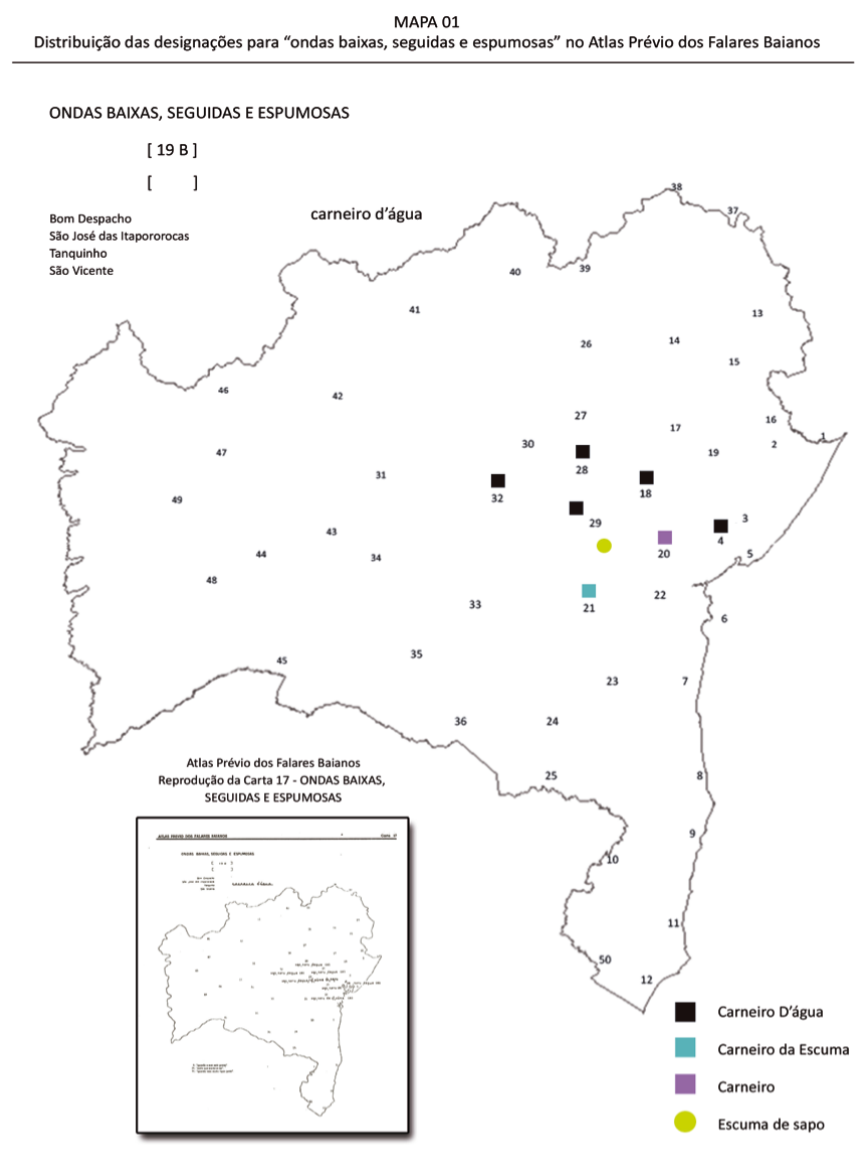


FIGURA 1. Distribuição das designações para "ondas baixas, seguidas e espumosas" no Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963).

Examinada a carta 16 (*Onda de rio*) do primeiro atlas linguístico publicado, percebemos que há uma ampla distribuição para a forma *mareta/maleta*, variante mais proveitosa e

UM MERGULHO NAS ÁGUAS DA BAHIA E SERGIPE: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DAS DESIGNAÇÕES PARA ONDA

documentada em quase todos os pontos inquiridos, exceto nos pontos 15, 24 e 33 (cf. FIGURA 02).

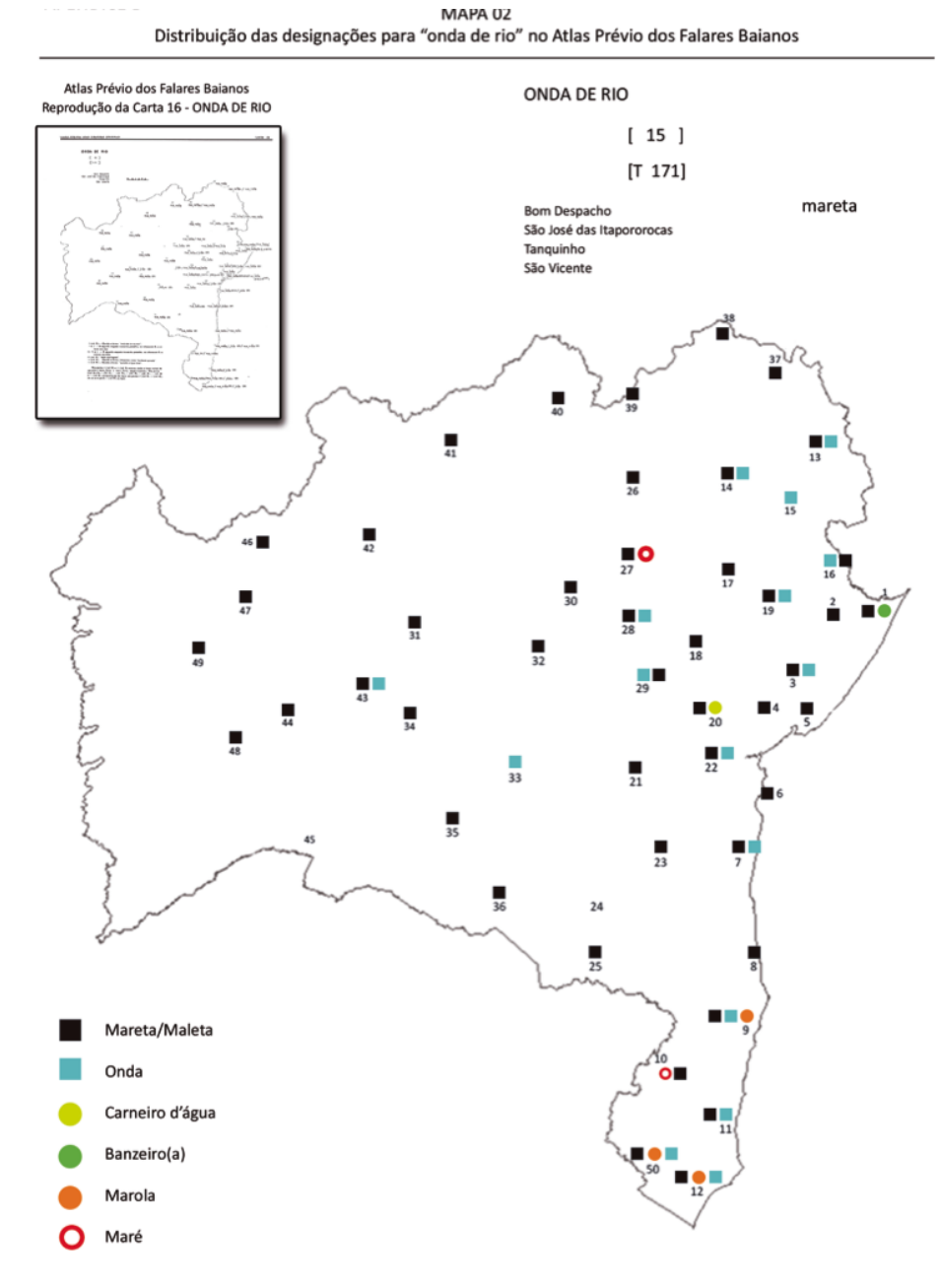


FIGURA 2. Distribuição das designações para "onda de rio" no Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963)

Tal aproveitamento pode ser justificado devido à riqueza de bacias hidrográficas que cortam todo o território baiano. Outras formas de menor ocorrência, mas não menos

significativas, como *marola*, *maré*, *carneiro d'água* e *banzeira* foram registradas nas regiões banhadas e/ou próximas ao oceano. Em relação aos dados constantes na carta 17 (*Onda de mar; onda de rio; conjunto de ondas baixas e seguidas no mar (rio)*) do ALS (cf. FIGURA 03), Cardoso e Rollemberg (1994) apontam que os inquéritos sistemáticos realizados nas localidades revelaram peculiaridades da área no campo onomasiológico que tem como centro o *mar*.

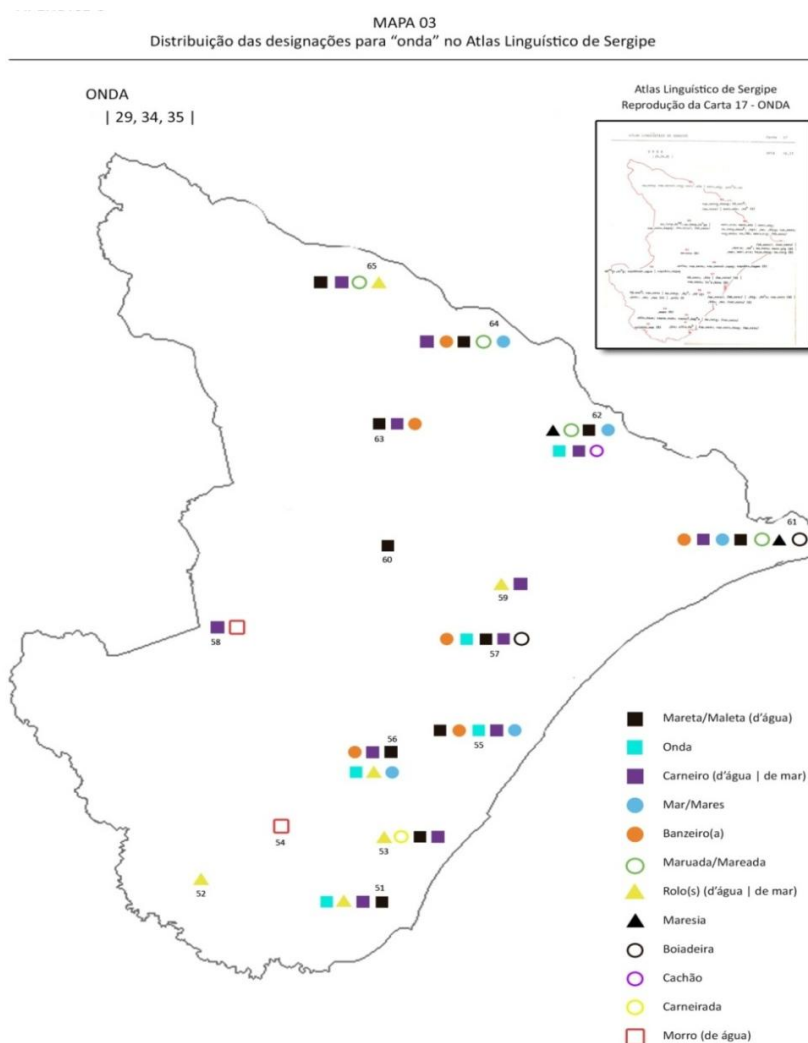


FIGURA 3. Distribuição das designações para "onda" no Atlas Linguístico de Sergipe (FERREITA et alli, 1987).

As autoras constataam que as formas documentadas no decorrer do trabalho - *mar*, *oceano*, *maré*, *mareta*, *maruada*, *mareada*, *maresia* e *banzeiro* – se apresentam com uma

UM MERGULHO NAS ÁGUAS DA BAHIA E SERGIPE: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DAS DESIGNAÇÕES PARA ONDA

distribuição distinta daquela que ocorre nos dialetos urbanos. Tais lexias foram recolhidas nas áreas próximas ao litoral ou em regiões que, por razões geográficas, apresentem alguma relação com a zona marítima. A título de exemplificação, o que nas áreas urbanas costuma-se designar *mar*, em muitas localidades de Sergipe se designa por *oceano*. Como se pode perceber nas abonações dos informantes:

55 (Inf. B): “é um *marzinho* (‘onda pequena’) fraco, dá aquelas maretazinha na costa”;
56 (Inf. A): “vem aquela porção de... o *mar* por cima do outro, por cima do outro, lá vem rebentando, rebentando, quando quebra é quase tudo de uma vez, não é?”

Em resposta a pergunta levantada por Cardoso (2010), “por que essas formas e não outras? Por que nessa região específica e não em outras?” Percebemos, a partir da apreciação das cartas, como os fatores de natureza extralinguística interferem na aquisição do repertório vocabular, assim como nas escolhas lexicais feitas pelo falante. Desse modo, os dados do “vazio geográfico” revelam como o posicionamento geográfico de cada localidade – próxima ou não do oceano – influencia diretamente nos usos linguísticos e, em particular, no léxico dos falantes, o que demonstra a necessidade do convívio com o referente para que se possa nomear determinado elemento. Conforme afirma a autora, essas são respostas que os atlas linguísticos inicialmente não fornecem, mas que nos deixam pistas valiosas acerca dos caminhos a seguir. Nos pontos inquiridos, foram coletados dezoito itens lexicais para designar *onda de rio*, *onda de mar* e *conjunto de ondas baixas seguidas e espumosas*, registradas nas cartas 16 e 17 do APFB e na carta 17 do ALS. O Quadro I apresenta o índice de produtividade desses itens a partir da distribuição diatópica nas localidades de Bahia e Sergipe.

| DESIGNAÇÕES | APFB (BAHIA) | | ALS (SERGIPE) | |
|---|-----------------|------|------------------|-------|
| | Nº | % | Nº | % |
| <i>Banzeiro(a)</i> | 01 | 1,09 | 07 | 9,33 |
| <i>Boiadeira</i> | - | - | 01 | 1,33 |
| <i>Cachão</i> | - | - | 01 | 1,33 |
| <i>Carneirada</i> | - | - | 01 | 1,33 |
| <i>Carneiro d'água</i> | 06 | 6,59 | 07 | 9,33 |
| <i>Carneiro/ Carneiro de mar</i> ³ | 01 | 1,09 | 11 | 10,66 |

³ A forma *carneiro*, acrescida do modificador *-do mar*, foi registrada apenas em Sergipe e com uma ocorrência.

| | | | | |
|--|----|-------|----|-------|
| <i>Escuma de sapo / Carneiro da escuma</i> | 02 | 2,18 | - | - |
| <i>Mar/Mares</i> | - | - | 09 | 12 |
| <i>Maré</i> | 02 | 2,19 | - | - |
| <i>Maresia</i> | - | - | 02 | 2,66 |
| <i>Mareta/Maleta/ Maleta d'água</i> | 58 | 63,73 | 14 | 18,66 |
| <i>Marola</i> | 03 | 3,29 | - | - |
| <i>Maruada/Mareada</i> | - | - | 05 | 6,66 |
| <i>Morro/ Morro de água</i> | - | - | 02 | 2,66 |
| <i>Onda</i> | 18 | 19,78 | 08 | 10,66 |
| <i>Rolo de mar</i> | - | - | 02 | 2,66 |
| <i>Rolo(s)</i> | - | - | 03 | 4 |
| <i>Rolo(s) d'água</i> | - | - | 02 | 2,66 |
| TOTAL | 91 | 100 | 75 | 100 |

Quadro I: Índice de produtividade das designações para *Onda* segundo sua distribuição diatópica

Nota-se que a designação *mareta/maleta*, presente nas duas áreas geográficas pesquisadas, é a forma mais produtiva, com ocorrência registrada em quase toda a rede de pontos do APFB, exceto nos municípios de Mirandela, Vitória da Conquista e Mato Grosso – pontos 15, 24 e 33 respectivamente. No Estado de Sergipe, a lexia se distribui de maneira equilibrada, dos quinze pontos que compõem a rede do ALS, registrou-se a presença da forma em dez localidades. Foi documentada também, com menor frequência de uso, uma variante para esse item lexical, composta pelo lexema base *mareta/maleta* + a forma *d'água*.

A segunda forma de maior ocorrência – *onda* – teve uso frequente nas localidades do Estado da Bahia, com o total de 18 registros, superando as 08 ocorrências no Estado de Sergipe. A forma *carneiro*, terceira mais produtiva, figura no *corpus* com grande representatividade, pois constitui o item lexical que apresenta mais variantes – *carneiro d'água*, *carneiro de mar*, *carneiro da escuma* e *carneirada*. A partir da observação dos dados coletados nas cartas linguísticas, pode-se depreender que o processo de composição com função de nomeação metafórica é utilizado pelos informantes como um recurso linguístico de expressão e possui relação direta com a sua realidade cultural. O que evidencia também a importante contribuição do falante para a composição do acervo lexical da Língua Portuguesa.

O item lexical *mar/mares* aparece apenas no Estado de Sergipe com 09 ocorrências para designar *onda*. Uma possível interpretação para tal fato pode ser feita a partir da leitura das notas explicativas da carta 17 do ALS. Os autores, familiarizados com a realidade linguística

UM MERGULHO NAS ÁGUAS DA BAHIA E SERGIPE: ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO DAS DESIGNAÇÕES PARA ONDA

de Sergipe, esclarecem que a localização geográfica da área favorece a alternância *mar~onda*, pois o que com frequência é designado por *mar* nas áreas urbanas, na localidade se designa por *oceano*. Essa situação não se reproduz na Bahia, que apesar de caracterizar-se como localidade vizinha, constitui uma zona geográfica distinta. Nenhuma ocorrência para *mar* – designando *onda* – foi documentada nas duas cartas analisadas.

As formas *banzeiro(a)*, *maruada/mareada*, *marola*, *rolo(d'água e de mar)*, *maré*, *maresia*, *boiadeira*, *cachão*, *morro(de água)* e *escuma de sapo*, figuram nas cartas com um índice menor de ocorrência, conforme verificado no quadro anteriormente apresentado.

Para uma melhor compreensão da relação entre as designações utilizadas pelos informantes e seu conteúdo semântico, o Quadro II reúne as lexias em análise que estão dicionarizadas com acepções semelhantes às empregadas pelos informantes em três obras lexicográficas – Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 1998) e Dicionário da Língua Portuguesa (MORAES SILVA, 1831). O que nos permite verificar aspectos da história linguística dessas lexias, além de ressaltar a importância dos atlas linguísticos para atualização e enriquecimento dos dicionários da língua portuguesa.

| Designações documentadas | Dicionários | | |
|--------------------------|---|--|--|
| | Moraes Silva (1831) | Ferreira (1986) | Michaelis (1998) |
| Mareta/Maleta(d'água) | Onda alta no mar inquieto. | Pequena onda; Onda de rio. | Pequena onda; Onda dos rios. |
| Onda | A porção da água do mar, ou do rio, que se levanta sobre o olivel da superfície, e planura das águas. | Porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva. | Porção de água do mar, lago ou rio que se eleva e se desloca. |
| Carneiro (d'água) | --- | Vaga ou onda de crista espumosa. | Ondas baixas, seguidas e espumosas; Carneirada. |
| Mar/Mares | A porção de águas, que banha as costas do Sertão, e da Terra; é salgada, e amarga, e tem marés. | A massa de águas salgadas do globo terrestre; oceano; Agitação do mar produzida por um vento presente. | Grande massa e extensão de água salgada que cobre a maior parte da superfície do globo terráqueo [...]. |
| Banzeiro(a) | Diz-se do mar que não tem ondas, mas que se agita vagarosamente. | Diz-se do mar que se agita vagarosamente e em pequenas ondas. | Designativo da água quando faz pequenas ondas e se agita vagarosamente; Agitação tumultuária das águas dos rios. |
| Marola | --- | Ondulação na superfície do mar. | Onda violenta. |

| | | | |
|------------------|--|---|---|
| Rolo(s) (de mar) | Aquella porção delle que se envolve, quando faz a ressaca, e se desenvolve, e espraia em língua do mar junto da praya, ou baixo sobreaguado, perto de recife de terra. | Grande onda ou vaga; vagalhão. | Porção considerável de água que revolteia quando o mar faz ressaca e que depois se desdobra espraçando-se perto do recife ou língua de terra. |
| Maré | O crescimento, e minguá, que se observa nas águas do mar, o seu fluxo, e refluxo. | Movimento periódico das águas do mar, pelo qual elas se elevam ou se abaixam em relação a uma referência fixa no solo. | Fluxo e refluxo periódico das águas do mar que, duas vezes por dia, se elevam e se abaixam, alternativamente. |
| Maresia | O grande movimento da maré. | Banzeiro, nos rios ou na costa; <i>Bras., GO e MT</i> . Ondas encapeladas que se formam nalguns pontos do rio Araguaia. | Grande movimento das marés; Marejada, marulhada. |
| Cachão | <i>Cachão de água</i> , o grande fervor della levantando borbulhões, quando ferve, ou em rio que acha estorvo, ou se despenha. | Cachoeira alta e volumosa; Tombo. | Cachoeira; <i>Reg. (Minas Gerais)</i> Cachoeira alta e volumosa. |
| Carneirada | As ondas em flor, quando há vento forte. | Conjunto de carneiros, que se formam quando há vento rijo. | Pequenas ondas espumosas que lembram rebanhos de carneiros. |

Quadro II: Dicionarização das designações para *onda* nas cartas 16 e 17 do Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB e na carta 17 do Atlas Linguístico de Sergipe – ALS.

Para uma melhor sistematização dos dados, os agrupamos em subgrupos baseados nas relações morfológicas estabelecidas entre eles. No primeiro grupo, temos as lexias que constituem processos metafóricos de formação e são constituídas por um lexema núcleo + expressão atributiva para formação das outras designações: *carneiro*, *carneiro da escuma*, *carneiro d'água*, *carneiro de mar* e *carneirada*; *escuma de sapo*; *rolo*, *rolo de mar* e *rolo d'água*; *morro* e *morro de água*.

No segundo grupo, estão as lexias derivadas de mar: *mar/mares*, *marola*, *maré*, *mareta/maleta*, *mareta d'água*, *maresia*, *mareada* e *maruada*.

Figuram ainda as lexias *onda*, *banzeiro(a)*, *cachão* e *boiadeira* que são formas de designação única, ou seja, expressam um conceito através de item lexical único, além de requererem uma maior atenção quanto ao estabelecimento da relação entre o conteúdo semântico de “onda” e seus referentes.

Algumas lexias, apesar de dicionarizadas com a mesma acepção fornecida pelos informantes, merecem um comentário. Percebe-se que, em relação à designação *carneiro*, há ocorrência de um processo metafórico para nomear *onda* a partir da associação com a aparência do elemento designado. Os registros encontrados para as variantes da forma *carneiro* – *carneiro d'água*, *carneiro de mar* e *idem carneiro da espuma* – comprovam a motivação com a aparência do animal devido à semelhança das espumas que as ondas formam com a lã do carneiro. Tal associação pode ter motivado alguns dos informantes a restringirem a forma, apresentando traços distintivos para que não houvesse dúvida quanto ao seu conteúdo. A designação *idem carneirada* – registrada no ponto 53 do ALS - corrobora a hipótese levantada, pois designa o “conjunto de ondas baixas e seguidas no mar”.

A lexia *escuma de sapo*, de ocorrência única, registrada na carta 17 do APFB, constitui também um processo de nomeação metafórica associado à espuma produzida pela fêmea do sapo para proteger seus ovos que, envoltos na espuma, flutuam na água até o momento do nascimento. Outro comentário a ser feito é acerca da forma *idem rolo*, que apesar de dicionarizada com acepções próximas daquelas fornecidas pelos informantes apresenta um processo de motivação semelhante a *idem carneiro*. No qual o informante acrescenta os traços distintivos (*idem de mar e d'água*) à forma base *idem rolo* para esclarecer seu conteúdo semântico. Como ocorreu no teste de identificação aplicado no ponto 56: ao ser perguntado “*rolo de quê?*”, o informante respondeu “*rolo de mar?*”.

Conteúdo e forma também estão relacionados nas designações *morro* e *morro de água*. As acepções encontradas nos dicionários para *morro* não apresentam relação direta com a definição fornecida pelos informantes. Percebe-se, nesse caso, um processo de ressignificação semântica, em que o sema mantém seu matiz semântico e desenrola-se em significações específicas ao contexto. O falante, tendo como referência para *morro* pequena elevação, mantém esse sema e acrescenta o traço [+ *de água*]. Tal processo pode ser constatado na fala do informante do ponto 54: “*aqueles morro de água?*”.

No grupo das designações agrupadas pela relação de derivação que estabelecem com a forma *mar* - *mar/mares*, *marola*, *maré*, *mareta/maleta*, *mareta d'água*, *maresia*, *mareada/maruada* – ocorrem processos de derivação sufixal. Como já mencionado anteriormente, em Sergipe *mar* é sinônimo de *onda*, assim como todos os seus derivados que designam tipos de ondas diferentes, quer no formato ou no tamanho. Nos dicionários consultados, não foram encontradas acepções para *mareada/maruada*. O mais provável é que

constituam variações para a forma *marulhada*, registrada nas três obras lexicográficas como uma agitação para as ondas do mar.

No último grupo de lexias, *boiadeira* foi a única designação que não encontramos registros nos dicionários consultados. Porém, Ferreira (1986) apresenta a forma *boiadouro*, com uma acepção mais próxima das fornecidas pelos informantes: “*trecho de rio, em geral remansoso, onde emergem e boiam as tartarugas [var.: boiador; sin.: boiadeiro]*”. Possivelmente, é um caso de variação para representar ondas pequenas, mas como se trata de apenas uma ocorrência, a falta de mais detalhes fornecidos pelos informantes dificulta a interpretação.

4 O QUE ESSAS ÁGUAS REVELAM: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das lexias coletadas nos atlas linguísticos regionais examinados procurou contribuir para o entendimento da realidade linguística das regiões em questão, apresentando os pontos de divergências e convergências registrados no repertório lexical da Bahia e Sergipe. Considerando que o objetivo de um estudo semântico-lexical é obter o maior número possível de designações que o falante utiliza para nomear um determinado conceito, a comparação das cartas linguísticas constantes no *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (1963) e no *Atlas Linguístico de Sergipe – ALS* (1987) permitiu identificar em que pontos se aproximam e se distanciam o léxico dessas localidades.

A análise empreendida nos possibilitou constatar que o APFB e o ALS são atlas linguísticos que em muito se aproximam, principalmente no que tange a divisão dialetal do Brasil proposta por Antenor Nascentes (1953), que divide o país em duas grandes áreas linguísticas – *Falares do Norte e Falares do Sul*. Ambos os atlas tem sua rede de pontos abarcando duas das regiões integrantes do chamado “*falar baiano*”, que compreende os estados da Bahia e Sergipe e parte dos estados de Minas Gerais e Goiás.

Em síntese, o olhar atento para o repertório vocabular dessas áreas geográficas revelou importantes marcas de regionalismos expressas na fala, evidenciando as peculiaridades do acervo linguístico das duas regiões. Assim, algumas designações que soariam estranhas a um ouvinte não familiarizado com essa realidade revelam-se bastante significativos para quem se permite um mergulho mais profundo, contribuindo significativamente para o enriquecimento do repertório vocabular.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: Tradição e Modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____; ROLLEMBERG, Vera. (1988). O mar: semasiologia em Sergipe. In: **Diversidade do português do Brasil: Estudos de dialectologia rural e outros**. Salvador: CED/UFBA. p. 79-91.

DIAS, Denise Gomes. Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística. In: RZEPKA, Anna; CZOPEK, Natalia. (Orgs.) **Portugalia, Brazilia, Afryka: Wokól Vergílio Ferreiry**. Kraków: Księgarnia Akademicka, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota et alii. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

FERREIRA, Carlota; MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Sergipe e Bahia: algumas diferenças lexicais. In: FERREIRA, Carlota et alii. **Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros**. 2. ed. Salvador, 1994.

MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MORAIS SILVA, Antônio de. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa, 1831. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=4FkSAAAAIAAJ&printsec=frontcover&output=reader&aut_huser=0&hl=pt_BR&pg=GBS.PP11. Acesso em: 15 ago. 2013.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2. ed. Completamente refundida. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958; v. 2, 1961.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 5.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988.

ROSSI, Nelson. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro, MEC, INL, 1963.